

## Preço da assignatura

Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Numero avulso . . . . .	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

# A RESTAURAÇÃO

## SEMANARIO CATHOLICO

## Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

### O Nacionalismo e as eleições

Fizeram-se as eleições; ou, antes, fez-se o que por uso tradicional está convençãoado chamarem-se eleições.

O resultado, onde as eleições se fizeram pela fórmula mais moderna, foi o que estava previsto; ou, fallando mais exactamente, as eleições correram como demandavam os resultados previamente fixados.

Cada partido ficou com aquelle número de candidatos victoriosos, que ao governo approve conceder-lhe. O que não quer dizer que os partidos da opposição não tivessem forças para eleger decentemente os seus candidatos, até em número superior aos que foram accéptos pelo governo; mas, sendo a lei como é, e dada a indifferença do povo e conhecidas as artes eleicoeiras que os governos sabem pôr opportunamente em acção, nenhum deputado subiria ao parlamento sem a acquiescencia mais ou menos expressa do governo.

Parece-nos que a unica excepção, entre todos os deputados ultimamente escolhidos, cabe ao partido nacionalista. Não nos ferimos ao sr. Dr. Antonio Peixoto Correia, reeleito pelo círculo de Braga; pois, apesar do esperançoso partido ter no districto forças que, em boa proporção, deviam ter mais do que um representante no parlamento, o certo é que a sua eleição, feita por colligação eleitoral com o partido do poder, não desmentiu as previsões feitas, nem propriamente quebrou a regra geral.

O mesmo porém não succedeu com o sr. Cónego Dr. Homem de Gouveia, eleito pelos nacionalistas do districto do Funchal. A derrota do partido regenerador naquelle districto, onde o candidato do sr. Hintze Ribeiro foi esmagadoramente suplantado pelo candidato nacionalista, foi tam inesperada, que ainda no proprio dia da eleição o órgão official do partido progressista, dando a lista de todos os candidatos a deputados, lá incluía o infeliz derrotado sem fazer menção alguma do sr. Cónego Gouveia.

Eiz-aquí portanto um deputado que, illudindo todas as previsões, constitue a unica honrosissima excepção de não haver sido eleito com o favor, nem real nem aparente, de nenhum outro partido.

Não ficam porém aqui os progressos do partido nacionalista revelados por occasião das últimas eleições.

Em Vizeu, onde o Nacionalismo tem importantissimas forças, perdeu-se quasi á última hora a esperança de eleger nenhum candidato, em virtude duma traição infame (purissimo rotativismo) dalguns progressistas, entre os quaes o governador civil. Mas nem por isso a victoria ficou nula. Estava feito e confirmado o reconhecimento de que os nacionalistas tinham direito a um de-

putado por aquelle círculo, e só se discutia a eleição dum segundo. Roubado um e outro, nem por isso ficou menos sabido quanto pôde no districto o patriótico partido.

Em Vianna do Castello, onde o centro nacionalista districtal deliberou á última hora concorrer ás eleições, a votação colhida pelo candidato nacionalista, inferior 29 votos á do regenerador eleito, foi em algumas assembleias superior á dos proprios candidatos governamentais.

Em Setubal, onde tambem fôra escassa a preparação para o acto eleitoral, obteve a lista nacionalista uma votação muito honrosa.

Não nos consta que em mais nenhum districto concorresse á urna o novo partido, apesar de, em alguns, como no do Porto por exemplo, ter forças consideráveis. Mas assim o entenderam, perante o desfavor da lei eleitoral, as respectivas commissões directoras.

O que todavia ficou largamente provado é que o partido nacionalista, embora aparentemente se tenha desenvolvido com lentidão, tem, na realidade, lançado fundas raízes por toda a parte. Vê-se que, no meio da geral corrupção e falta de patriótico desinteresse, ainda vicejam numerosos amigos, da patria.

Outra coisa ficou mais uma vez eloquentemente provada: é que em toda a parte onde os catholicos trabalham pela victoria da sua causa, os seus esforços não saem estereis.

Queira Deus que esta bella demonstração de força e vitalidade do nacionalismo vá dar alento a tantos tibios, que, pensando aliás rectamente em pontos de politica, se deixam permanecer em criminosa indolencia por julgarem improficuas as canseiras gastas em semelhante causa.

E' preciso que nos desenganemos: esperar o triumpho sem nos aventurarmos ao combate é uma loucura. Não pensam nem procedem assim os inimigos da nossa santa religião e da nossa querida patria: por isso é que o mal é cada-vez mais pavoroso.

«Quem ama o trabalho, tem sempre que fazer».

### Decadencia

Ao recordar-se a gente do pristino esplendor deste querido Portugal, comparando esse passado longinquo e feliz com o presente caliginoso que vai correndo—ameaçador ainda de maiores negrimes e prenúncio de borrascas pavorosas—, um calafrio nos sacode o cerebro e faz estremeecer o coração.

O nosso estado financeiro é o duma casa arruinada; e não se entrava a prodigalidade escandalosa.

Mas, ainda assim, a nossa maior desgraça não é o desequilibrio das finanças, o desenvolvimento assustador da divida pública, o revoltante patronato a companhias, a monopolios indiginissimos.

Se houvesse animos de rija ténpera, aptos para emprehendimentos generosos; se houvesse caracteres moldados pelos grandes vultos que a história nos retrata, cheios de civismo, devotados ao sacrificio—que fossem capazes de actos heroicos—, então poderíamos resurgir deste marasmo em que nos inutilizamos.

Porém domina o mais aviltante egoismo. Impera a natureza cega. Domina a materia bruta. A agiotagem avassalla a todos, campeia por toda a parte.

Individuo que salte por cima da honra e do dever, que despreze a propria dignidade e calque aos pés a dignidade alheia para se arranjar, tem a consagração da maior parte, porque... é um videiro, um agenciador.

Para um subir, descem muitos e ficam, porventura, debaixo dos pés daquelle, esmagados pelo seu arrojô, soffrendo penurias sem conta, chorando lagrimas de sangue.

No conceito geral, *este mundo é de quem mais apanha*; e não se olha aos meios para subir pela escada das conveniencias e dos interesses, ainda que os degraus sejam feitos das lagrimas dos órfãos e das viúvas e do pão dos miseráveis.

E ao lado desse egoismo rasteiro, uma onda asquerosa de lodo vem rolando sobre nós: a immoralidade. Mas neste desequilibrio moral muito poucos fallam; e ainda alguns dos que fallam, registam apenas o facto infeliz e incontestavel, degradante e aviltante, sem a perquisição das causas para inculcar o antidoto.

Vê-se a infancia já com olhares de lascivia, com ademanos provocadores. Precocidade!

As donzellas trajam pornographicamente, apropriando, nacionalizando indecentissimos figurinos que a moda estrangeira para cá exporta.

Nos *boudoirs* da burguesia feminina, entre perfumarias e pentes, encontram-se exemplares duma litteratura excitante, requintadamente e intencionalmente aphrodisiaca.

O valor dos nossos mancebos é aquilatado pelas suas aventuras travessas.

O que mais proesas tenha commettido, o que mais popular seja no escandalo e na desenvoltura é o mais pretendido, porque é o mais heroe.

A nobreza de sentimentos é moeda gasta.

A inteireza de character, a crença, a morigeração sam antigualhas sem valor, aos olhos da sociedade moderna, educada á luz do progresso...

Não ha abnegação, não ha sacrificio. Ha sensualismo, ha a carne triumphante—*a besta à redea solta*.

Reconhecem muitos que é ur-

gente, que é inadiavel sanear este ambiente.

Mas poucos se atrevem a declarar que a ausencia dos principios religiosos é que dá origem a quebrar-se a força do espirito sobre a carne.

Muitos, até dos que lamentam a degradação miseravel a que se vai descendo, não concordam em que, indirectamente, pela sua falta de abnegação, pela ausencia completa de espirito de sacrificio, concorrem para materializar a sociedade.

Prendem-se a conveniencias, condescendem com ideaes egoistas, vivem em contubernio escandaloso com apóstolos do sectarismo irreligioso e esbanjador; e o seu exemplo prolifica, fecunda estas ideias e estes sentimentos na alma do povo:—gozar, satisfazer todas as appetencias dos sentidos. O espirito! Deus! Patriotismo! Abnegação! Sacrificio! Ora!...

Os que deviam dar exemplo vivem a vontade, confortados nas suas regalias, satisfeitos e tranquilos na fruição dos seus benesses. Portanto, tudo isso sam chimeras, banalidades, rhetoricas, catonismos rançosos.

E até muitos dos que podiam trabalhar, e trabalhar a valer, cruzam os braços, num desalento piégas, esperando, resignados, apathicos, o *dies illa, dies magna* da catastrophe que julgam inevitavel.

Estes sam, quiçá, os mais criminosos.

Gervasio Lucas.

«A amizade que acaba, não chegou a começar».

### Carta do Porto

Portugal é uma nação que posue e disfructa uma forma unica de governo.

O acto eleitoral, que, no domingo 12 do corrente, se realizou, foi uma confirmação mais desta verdade. O que aqui no Porto se fez, e se faria em todo o resto do país, se tanto fôra necessario, é um verdadeiro escandalo perante as nações cultas, que, perante nós, a sua repetição já tornou hábito, com garantias de lei, tam inqualificavel procedimento.

O caso é que os rotativos não vêem com bons olhos, seja quem quer que fôr, que lhes não diga «amen». Por isso odeiam os republicanos, os franquistas, os nacionalistas e todos os individuos mais, que, sós ou representando um partido, lhes ponham á luz da publicidade qualquer trama urdida na defesa e segurança de seus interesses. Achavamos-lhes razão, se esses interesses fossem filhos da honestidade e do labor pessoal. Mas sendo-o, como sam, da má administração, da pessima orientação politica e da ausencia de escrupulos de toda a ordem, sam um crime que urge expiar.

Os direitos do cidadão português perante a urna eleitoral sam considerados um favor e não um direito. Só se pôdem usar em defesa do governo e não em defesa propria.

Quem não quiser deitar no governo ou em quem este constinta que se vote, ainda que esse sentimento seja filho dum accôrdo pernicioso para os interesses públicos, chama-se ou, antes, tem-se como um usurpador, como um ladrão que é preciso repellir a sabre e a fogo!

Detestamos o programma republicano português. Não só a sua indifferença, mas, mais ainda, o seu ódio religioso, o seu sectarismo professado sempre que se lhe offerece ensejo, as suas ligações maçonicas e os seus processos, que sam do conhecimento de todos, tornam-no-lo repugnante. Mas daqui a justicarmos o que se lhes fez na urna eleitoral, medeia um abysmo. Haver uma lei que lhes confere o direito de votarem livremente, para depois a auctoridade lhes negar esse direito, baseada num arbitrio, é uma ty-rannia.

O povo tem de se amotinar para defender a lei, ou, antes, os actos legaes, que os representantes da auctoridade pelo abuso e pela força se propõem annullar. Ha porventura papéis mais invertidos? Pois foi o que aconteceu agora aqui no Porto. Só se era cidadão português para votar livremente na lista progressista ou regeneradora. Os republicanos eram considerados *gallegos* para todos os effeitos: negaram-lhes direitos, não lhes dando maiorias que tinham, deram-lhes pancada, e até prenderam alguns. Houve arbitrariedades sem nome, sem lei e sem qualificativo.

Devem contar com estas mesmas bellezas os nacionalistas, quando façam sombra aos governantes rotativos, porque este partido nascente, ainda lhes é mais odioso do que o republicano. O principio religioso professado francamente, as responsabilidades effectivas, desde o votante até ao ministro e até ao chefe da nação, que o nacionalismo propôu, sam doutrina mais difficil de abraçar pelos liberaes do que a republicana. E isto bastaria, se não soubessemos factos comprovativos do que dizemos, para contarmos com uma medida igual ou peor, se é possivel, do que aquella que agora é applicada aos republicanos. Objectar-se-ha que os partidos monarchicos da rotação têm dado o braço aos nacionalistas em diversos círculos e que essa regalia, que se tem negado aos republicanos, é a negação evidente de tal affirmação. A resposta é facil. Os governos da rotação prevêem na indole e educação do nosso povo uma ameaça muito mais formidavel da parte do nacionalismo do que da republica.

O nosso povo só é republicano em protesto aos desvarios monarchicos. E só não é nacionalista por apathia, junta a um pouco de interesse combinado com uma certa desmoralização. Mas a inac-

ção e desmoralização em que jaz o nosso povo, resultantes de lúbricos contínuos que tem soffrido, podem num momento converterem-se em virtudes contrárias; e esse momento, que se avizinha felizmente, será o golpe mais formidável dado na rotação. Os governos assim o comprehenderam e por isso fingem-se amigos dos nacionalistas. Braga ha de ter sempre um deputado nacionalista seguro, porque será esse o meio unico de impedir que as suas forças se vam avolumando e dentro em pouco levem a maioria ao parlamento. Vianna está em identicas condições, e, pela mesma razão já lhes foi prometido pelos regeneradores que quando elles forem governo se honrarão em lhes dar representação.

E eiz como os partidos que se vêm ameaçados vam tentando reprimir a onda do povo honesto que em breve lhes ha de pedir estreitas contas dos seus desvarios governamentais. Desejam os nacionalistas que esse dia desponha cedo? Preparem-se para se desligarem de accórdos eleitoraes. Vam á urna com as forças proprias e encontrarão uma arbitrariedade maior do que a que agora se commette contra os republicanos, mas encontrarão tambem uma victória que a immensa maioria dos portuguezes ainda hoje não sonha.

R. L.

«Deixai a fama: preferi a consciencia».

## As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos

VII

### Quinta Bem-aventurança

«*Beati misericordes, quoniam misericordiam consequentur*» — «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericordia».

Que é misericordia? — É um sentimento de benevolencia e compaixão, que se desperta ao considerar a miseria humana. Este sentimento é produzido pela caridade que nos une a Deus e ao proximo.

A misericordia commove e inclina o coração para a miseria alheia. Torna-se effectiva pelas demonstraões exteriores e pelo socorro que se presta ao proximo. É isto o que na linguagem christã se chamam as obras de misericordia, que sam corporaes e espirituaes e abrangem todas as necessidades do proximo.

Abriu a bolsa e empregar em socorrer a indigencia o que podemos dispensar é a primeira forma de caridade. Mas a caridade apparece mais perfeita, mais viva, quando as liberalidades se ajuntam o concurso pessoal, e trabalho proprio: assim é que faziam os santos e santas nascidos na opulencia.

Ha na misericordia dois sentimentos de compaixão para com o proximo: a compaixão natural e compaixão sobrenatural. Só a primeira é que era conhecida do mundo antigo; a segunda trouxe-a o Christianismo. Uma procede da natureza e só nos aponta no proximo as necessidades do corpo, em tanto que a outra olha principalmente para as necessidades da alma.

A segunda é animada pela caridade: eiz por que todos os hospitaes da idade média tinham este titulo «Hospital do Espirito Santo». Ora o Espirito Santo é a caridade: é a personificação e principio della. Ainda hoje um dos mais antigos hospitaes do occidente é o grande hospital de Roma, começado pelo

Papa Symmaco, que morreu em 514, e concluído e dotado por S. Gregorio Magno. Ainda tem esta inscripção «Hospital do Espirito Santo».

Isto prova bem que sempre se julgou que a verdadeira compaixão para com as misérias humanas procede do Espirito Santo; quer dizer, da caridade sobrenatural e christã.

Pelo que nos toca, a misericordia de Deus é de todas suas perfeições e attributos a que mais visivel se ostenta.

Quando o Salvador expirou na cruz, do seu peito rasgado brotaram duas torrentes de amor e misericordia, que ham de continuar a correr no mundo pelos canaes dos Sacramentos.

No mundo, Jesus-Christo passou sempre cheio desta misericordia. Passou junto das fontes e bebeu da sua agua; e preparou um banho salutar destinado a gerar-nos para uma vida nova pelo Baptismo. Passou sob as oliveiras e colheu os seus fructos; e delles fez um oleo que nos vivifica no Sacramento da Extrêma Uncção. Colheu balsamo e misturou-o com este oleo, para que pela uncção do chrisma no Sacramento da Confirmação sejamos retemperados para o combate da fé. O Salvador atravessou tambem as loiras campinas e dellas colheu espigas; subiu ás collinas cobertas de vinhas e espremeu as suas uvas: e fez que o pão e o vinho se tornassem para nós o alimento do seu amor, alimento pelo qual elle mesmo se dá a nós na Sagrada Communhão.

Em verdade Deus é rico em misericordia. Na ordem natural, é bem justo que digamos a palavra do Apostolo: «*Quid habes, quod non accepisti?*» — «Que tens tu, que delle não hajas recebido?» E que dizer da ordem sobrenatural, onde a misericordia se evidencia a cada instante? — Assim como os filhos devem imitar seu pae, assim o Salvador nos ordenou que imitassemos o Senhor Deus em sua misericordia. O seu amor deve ser o modelo e a medida do nosso amor para com nossos irmãos.

A prática da misericordia é a nota distinctiva dos filhos de Deus. «Sede misericordiosos, como vosso Pae celeste é misericordioso.»

O que fôrma a natureza mais intima de Deus é a misericordia: «*Deus caritas est*» — «Deus é a caridade». Cada ser manifesta-se no exterior segundo a sua natureza propria: o sol derrama a sua luz de raios coruscantes; a flôr communica-se pelo perfume que exhala. Assim é que Deus irradia em torno de si a misericordia, quando se aproxima do homem.

A misericordia de Deus torna-se o anjo que guarda a creança em seus brinquedos e acompanha o móço e a donzella no caminho perigoso da vida. Para o homem, a misericordia de Deus é quem lhe dá força nas difficuldades da vida, consolação nas lagrimas, alegria na ventura. Para o velho, é o bordão que o ampara. Para o moribundo, é a esperanza que illumina o seu último olhar.

Porque Deus é essencialmente misericordioso, quis tambem que os homens praticassem uns para com os outros esta virtude em todas as necessidades da vida. Fez da misericordia dos homens entre si uma base da prosperidade social. Na ordem natural, já Deus convida os homens a praticar a misericordia, fazendo delles seus mandatarios a tal respeito. Elle, do alto do ceu, não a exerce sempre directamente para com elles: serve-se dos meritos delles mesmos para a dispensar. Os homens sam os canaes escolhidos por elle para fazer correr as torrentes da sua misericordia.

Todo o amor, que os homens

têm uns aos outros, quando é amor pessoal, não é outra coisa que uma irradiação do amor divino. Em todos seus actos, em todas suas alegrias, em todos seus soffrimentos, a vida social alimenta-se da prática da misericordia. Mas, para ser um melhor da prosperidade social, a misericordia deve ser praticada nas relações exteriores, que se referem á vida material.

Segundo os principios do Christianismo todos os bens terrestres pertencem a Deus; nós outros, os homens, somos apenas os seus administradores e dispenseiros para com o proximo.

O vinculo da misericordia une o homem a Deus, a terra ao ceu: deve tambem unir os homens entre si neste mundo, e assim se dará a verdadeira felicidade social.

Na oração que o senhor nos ensinou, fez da prática da misericordia uma condição para que sejamos ouvidos. «O pão nosso de cada dia nos dai hoje»: pronunciando estas palavras, cada um não pede só para si o pão de cada dia, senão para que o proximo tambem o tenha. Ora como poderia o proximo necessitado ter pão, senão dando aquelle que o tem superfluo? — «*Unum in Christo*» — «Um em Christo»: assim seremos em nossa vida social pelo exercicio das obras de caridade.

Por isso é que o Salvador inculcou tam rigorosamente aos ricos a obrigação de praticar a misericordia. Diz dos thesouros do mundo que serão roídos pela ferrugem e pelos vermes e que, por conseguinte, não vale a pena amontá-los.

E, como se não bastasse exhortá-los a tal misericordia e propôr-nos o exemplo do Pae que está nos ceus, Jesus-Christo vai ainda mais longe: invoca o seu direito ao nosso amor. Quer aceitar elle mesmo os dons que a misericordia dispensa aos pobres: um pucaro de agua dado ao pobre é dado ao mesmo Jesus. É elle quem, no doente, recebe cuidados; é elle quem, no innocente abandonado, é recolhido. Eiz uma verdade que tem muitas vezes encontrado sua encantadora realização na história da vida dos santos. Recorde-se o caso tam popular de S. Martinho: em uma tarde de inverno S. Martinho deu metade do seu manto a um pobre; e Jesus-Christo appareceu-lhe coberto com ella.

Se é o mesmo Salvador quem vive nos pobres, poderá haver para o christão maior motivo de praticar a caridade?

É preciso pois voltar a Jesus-Christo, morto na cruz por misericordia para commoseo. É preciso apprendermos na sua escola a ser generosos com os pobres.

Mas o que é ainda mais indispensavel é ter um coração que saiba compadecer-se de todas as misérias alheias. Está escripto a respeito dos primeiros christãos que elles tinham um só coração e uma só alma. Pois bem: é preciso voltar a esse ideal.

A misericordia deve formar o laço que una a sociedade rota e deslocada. A caridade christã dominará as vagas desencadeadas que ameaçam tragar a sociedade.

E depois, no dia do julgamento, no dia em que tudo será contado e pesado na balança da justiça eterna, não sam tam graves as contas exigidas a respeito da misericordia, segundo as palavras do Salvador, que parece ser essa a unica virtude sobre que seremos julgados, e a falta de misericordia o unico vicio por que hajamos de ser condemnados?

Ah sim: nesse momento supremo é que se ham de verificar em todas as letras as palavras do Salvador: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão mi-

sericordia.» — «*Beati misericordes, quoniam misericordiam consequentur*».

(Continúa).

«Quanto menos desejos, menos necessidades».

## SCIENCIA PRATICA

### Contra a tuberculose

Continuando a resumir aqui, para utilidade dos nossos leitores, as principaes causas que tornam o nosso organismo terreno proprio para o desenvolvimento do bacillo da tuberculose, cabe referir-nos á sedentariedade e profissões.

Todas as profissões fatigantes, todas as que se praticam em logares insalubres e todas as que exigem reunião de pessoas mais numerosas do que permite a capacidade do aposento podem dispor para a tuberculose. Sam particularmente perigosas as profissões sedentarias e que exigem pouca acção muscular, as que exigem o uso muito frequente dos órgãos da voz, as que se exercem em meio de calor extremo e as que nos expõem a respirar poeiras ou gazes irritantes. No primeiro caso estão as profissões de costureira, alfaiate, bordador, escriptor, professor, empregado de escriptorio, estudante, etc. Quasi todas estas profissões exigem uma posição forçada, que é contrária a nossa organização physica: o corpo curvado sobre si mesmo. Dahi um estado das funcções naturaes, que dá logar a perturbações, cuja repercussão actua na saúde; dahi a deformação dos ombros e da columna vertebral: não sendo energeticamente sustentados os ossos que formam esta columna e as omoplatas e costellas, as costas encurvam-se, os ombros estreitam-se e o peito achata-se. Todas as funcções do organismo se enfraquecem, a digestão torna-se difficil, falta o appetite, a circulação perde a sua energia e a accumulacão úrica nas articulações produz varias doenças, a respiração é curta e lenta e as mesmas funcções nervosas se debilitam, reduzindo-se o organismo a um estado em que o desenvolvimento da tuberculose é mui facil.

Para prevenir estes accidentes, é preciso recorrer aos mais diversos meios: adaptar as mesas e cadeiras á estatura de cada um, vigiar attentamente a posição do corpo e fazer que seja sempre a menos inconveniente para a saúde. Victor Hugo, Ampère, Mistral escreviam de pé. Goethe procurava opportunamente a variedade de occupações. Ha professores que dam as suas aulas de pé. Mas o que sobretudo convem para combater a sedentariedade é o exercicio muscular ao ar livre.

O exercicio favorece a nutrição e as excreções, accelera os movimentos do sangue, fortifica o corpo, tornando-o capaz de supportar as fadigas e resistir ás injurias do ar, prepara um sono reparador, um appetite proveitoso, e menor tender para a suffocação. Estes resultados salutareos sam devidos principalmente á melhora da respiração: é toda a gente sabe que o exercicio augmenta a necessidade de respirar, o que faz entrar nos pulmões maior quantidade de oxigenio, que é por excellencia o excitante de todas as funcções vi-

taes, e produz o desenvolvimento dos mesmos pulmões.

Entre os exercicios mais faceis como gymnastica respiratoria estão o andar, o correr e varios jogos que obrigam a muito movimento sem grande esforço.

Agora, saír o artista do seu trabalho fatigante, da sua officina anti-hygienica, e ir exercitar os pulmões e refazer o organismo na atmosfera duma taberna ou casa de jôgo; saír o amanuense do seu escriptorio ou o professor da sua escola e irem metter-se num café ou numa assembleia, onde (não fallando da atmosphera moral—propria de gente ociosa e portanto pessima) o ar, ou antes os gazes que se respiram em vez do ar, sam o que ha de mais contrario á boa hygiene: proceder assim, buscar assim alivio para as pesadas occupações da vida, é applicar um antidoto mais funesto do que o veneno; é... uma loucura.

Por isso é que em taes pessoas a tuberculose e outras perniciosissimas doenças fazem os estragos cujas consequencias todos vêem diariamente.

«Pequena coisa é o louvor; mas mui grande o merecê-lo».

## CURIOSIDADES

### Algodão artificial.

Já se fabricava algodão artificial com canhamo e linho, convenientemente tratados pelo petroleo. Parece que resultados egualmente bons se podem obter com vulgar madeira de pinho, como a ha em quasi toda a parte com assás abundancia. Ensaio recentemente feitos na Baviera, diz-se, terám sido perfectamente concludentes. Eiz-aqui em que consiste essencialmente o processo: parte-se a madeira de pinho em pedaços miudos que se submettem, durante umas dez horas, á acção de vapor sobreaquecido em vaso fechado. O magma assim obtido é em seguida mergulhado numa solução de soda, onde fica quasi trinta e seis horas, e donde são transmudado numa especie de pasta a que se dá consistencia ajuntando-lhe azeite e gelatina. Estende-se e doba-se esta massa em fios por meio de aparelhos especiaes. E assim tendes algodão, algodão de madeira, assás perfeito para poder ser difficilmente distinguido, á vista, do algodão natural, que substitue em quasi todas as suas applicações, com a vantagem de custar muito menos caro. Se este processo, sobre o qual não possuímos ainda até agora senão informacões incompletas e summarias, cumpre as promessas feitas em seu nome por alguns entusiastas, ficarão completamente derrubadas as condições economicas do mundo inteiro, em consequencia do monopolio destruído de que por tanto tempo gozaram quasi sem divisão a America do Norte e o Indústia. A questão será saber onde se poderá obter toda a madeira devorada pela fabricacão do papel e do algodão. Nunca as florestas crescerão assás depressa.

### Nova lampada electrica de bolso.

— Sabe-se o bom resultado que tiveram umas lampadazinhas electricas portateis, em forma de charuteiras, que hoje se encontram em muitas lojas e que têm tido uma venda immensa. Infelizmente o seu uso não têm sido sem alguns percalços. A mudança muito frequentemente necessaria das pilhas desanimou

mais dum amator. Eiz agora que se annuncia o apparecimento duma nova lampada portatil que terá, sobre as primeiras, sérias vantagens, ainda que não parece a perfeição, até por mais dum titulo. A corrente não lhe é fornecida por pilhas, mas por pequenos accumuladores que, conservando uma tensão invariavel emquanto dura a iluminação, dam a esta a uniformidade que faltava ás primeiras lampadas. Esta lampada com o peso de 200 grammas fornecerá com uma só carga cinco horas ininterruptas de iluminação. Sabe-se que as de pilhas não podem fornecer, sob pena de polarização e por conseguinte de extinção, senão uma iluminação intermitente. A renovação da carga é uma operação delicada, difficil para muitas pessoas, e será olhada como um inconveniente; emfim o peso de 200 grammas parecerá talvez um pouco forte para uma lampada de bolso. Mas nossos paes traziam no bolso relógios-cebolos que ainda pesavam mais. Além de que se fazem destas lampadas duma duração de vinte e quatro horas, mais pesadas é verdade, mas preciosas para a iluminação, uns castiças de aposento, de bicycletas, etc., e talvez ahí é que está o futuro desta nova invenção.

**Telephonia dupla.**— Parece ter imaginado um engenheiro de telegraphos, em Brailla (Romania), um systema de instalação, que permite estabelecer novas communicações telephonicas nas linhas já existentes, sem ajuntar novos conductores. Fizeram-se os primeiros ensaios entre Brailla e Galatz e deram, diz-se, resultados concludentes. O systema recebem o nome de "telephonia dupla".

«Muito medroso é quem teme a pobreza».

## Esclarecimento

(A «Revista Catholica»)

O nosso presado collega da *Revista Catholica*, referindo-se no seu último numero a um artigo aqui publicado (sobre a *Imprensa Catholica*), diz: «Bem razão teve o sr. D. Prior de Guimarães de stygmatisar ha dias na *Restauração*, etc.».

Ainda que esta referencia (bem como todas as que devemos ao distincto e auctorizado collega) é elogiosa, é possível que outros, laborando no mesmo erro da *Revista Catholica*, attribuem a responsabilidade do que aqui se escreve a quem de justiça ella não pertence. Julgamos pois conveniente declarar que o sr. conselheiro D. Prior não é o auctor do alludido artigo, nem tampouco pertence, infelizmente, á redacção deste semanario.

O obscuro auctor do artigo julgar-se-hia aliás honrado com o equivooco, se não fôra a consciencia, que felizmente tem, da sua nullidade.

«Quanto mais alto estiveres, mais grave será a queda».

## EXPEDIENTE

Estando prestes a terminar o primeiro tri-

mestre do segundo anno de *A Restauração*, vai proceder-se á cobrança do semestre. Rogamos a todos os senhores assignantes o obsequio de mandarem satisfazer, logo que lhes apresentem o respectivo aviso. Maior favor seria que mandassem pagar quanto antes por qualquer via, que nos poupasse as despêsas e trabalhos da cobrança. Estes pedidos fazemos ainda com mais instancia aos senhores assignantss, que estão em dívida de todo ou parte do primeiro anno.

E' facil de comprehender que uma publicação como esta vive exclusivamente do preço das assignaturas, ou então á custa do bolso da empresa; a qual, não sendo os pagamentos pontuaes, se verá obrigada a accumular o trabalho, inteiramente gratuito, da redacção com sacrificios pecuniarios.

Esperamos pois que este nosso pedido seja bem recebido pelos nossos assignantes.

«Toma por teu o erro do teu amigo».

## EM GUIMARÃES

### Anniversario

Fez annos no passado dia 14 o rev.<sup>mo</sup> sr. Dr. Manuel de Jesus Pimenta, muito digno Vice-Reitor do Seminario-Lyceu desta cidade, e seu irmão rev.<sup>mo</sup> sr. Dr. João Nepomuceno Pimenta, que desempenha equal missão no Seminario Conciliar de Braga.

Conhecedores das prestimosas qualidades que distinguem os dois illustres e exemplares sacerdotes, aqui lhes consignamos as nossas felicitações pelo seu anniversario, fazendo votos a Deus para que, a bem da causa catholica de que ambos sam fervorosos apóstolos, lhes conserve e abençõe a vida por largos annos.

### Preços dos cereaes

No mercado do último sabbado os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo . . . . .	15000
Centeio . . . . .	760
Milho alvo . . . . .	850

Milho branco . . . . .	800
Milho amarello . . . . .	780
Feijão branco . . . . .	15000
Feijão amarello . . . . .	15200
Feijão rajado . . . . .	900
Feijão fradinho . . . . .	800
Feijão . . . . .	600

### Noticias varias

Foi convidado para prègar os sermões da quaresma na igreja de S. Francisco o rev. Padre Alvaro Tavares, do collegio de Montariol.

—Foi passada carta de encomendação por tempo dum anno, para a freguesia de S. Pedro de Azurei, a favor do rev. Padre Arthur Fernandes Guimarães.

—Durante o presente mês devem os senhorios e inquilinos dar na repartição de fazenda as participações da renda que recebem ou pagam, sob pena de não poderem depois reclamar contra a contribuição que lhes fôr lançada. Estas declarações sam em duplicado.

—Falleceu a mãe do vereador municipal snr. José Pinheiro, irmã do snr. Bernardido Cardoso. Os nossos sentimentos.

—Durante a última semana houve na freguesia de S. João das Caldas de Vizella piedosos exercicios promovidos pela Associação do SS. Coração de Jesus. Prègou todos os dias duas vezes o rev. Padre Manuel das Chagas, de Montariol. No domingo houve a festa da conclusão. Algumas occasiões foi tam numeroso o auditorio, que se tornou preciso prègar ao ar livre. Deus ponha a bênção a tam bella obra.

—No passado domingo celebrou-se na freguesia de S. Paio de Vizella uma festa em honra de S. Sebastião.

—No mesmo dia e com a mesma intenção houve outra solemnidade na freguesia de Santa Maria de Athães.

—Falleceu na última sexta-feira a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Velloso de Menezes, da rua de Camões. Os funeraes celebraram-se no domingo na igreja de S. Domingos.

«Muito mau é quem carrega sobre outrem o seu proprio delicto».

## LITTERATURA

### O MEDALHÃO

Eu não me cansava de olhar para a singular ornamentação do gabinete de D. Julia des Obeaux. Ao ver aquelles tropeus, aquellas panoplias, aquelles retratos de guerra de aspecto rude e marcial, tudo isso a acompanhar uma pobre senhora velha e doente, e das paredes daquelle recinto de solidão, fraqueza e socego, penderem todos esses monumentos commemorativos de tumulto e guerra, de movimento e vida, de assaltos e batalhas, parecia-me estar vendo uma como fanfarras estrepitosa nos echos dum claustro. Mas finalmente toda a minha attenção ficou absorvida pela vista dum medalhão de velludo vermelho encaixilhado de ebano e que continha juntas uma cruz da Legião de Honra e uma navalha, a mais grosseira e ordinaria das navalhas e que não podia ter custado mais dum tostão quando estivesse nova em folha. Por que estava ella ostentando alli sobre o velludo, ao lado duma condecoração, o seu cabo de buxo e a sua folha ferrugenta?

D. Julia, que seguia o meu olhar, disse-me: —Sam recordações preciosas! —O quê, minha senhora, essa reles navalha? —Sim, a navalha e a cruz. Quer que lhe diga o que ellas recordam? —Sou todo ouvidos, minha senhora. Ella ergueu os olhos para um retrato que lhe ficava em frente; era o re-

trato dum jovem militar: o sol illuminava nesse momento o bello rosto que ella contemplava.

Depois fallou com a sua voz branda e suave, e eu escutei tam bem, que não perdi uma unica palavra.

—Ha, disse ella, dez annos habitava eu durante o verão numa casa de campo, situada perto duma grande aldeia entre Amiens e Paris. Aquella vivenda-zinha era encantadora, o jardim cheio de sombra, os campos duma opulencia admiravel, e comtudo eu não podia saír dos limites da minha propriedade sem experimentar uma tristeza profunda. A civilização vivava naquellas immedições as suas miserias; aquella aldeia recebia uma grande parte dos enjeitados que a Assistencia pública envia para os departamentos; os camponeses e os pequenos rendeiros traficam com esta mercadoria—a infancia!—com os innocentes, os fracos, os pequenos; nem lhes morde o escrupulo de explorar sem piedade essas infelizes creaturas que não têm quem as defenda, esses orphãos sem tutor, esses opprimidos sem advogado. Quando sam muito pequenos ouvem-se gemer lá no fundo dos berços, como cordeirinhos atados á estaca; definham na solidão e no abandono, privados de alimento, de cuidados e de sorrisos; mais crescidos, vagueiam ao longo das veredas, parando á porta das granjas, sollicitando com o olhar triste um bocado de pão. Mais crescidos ainda, mal tratados, mal alimentados, mal vestidos, os «Parisienses» (tal é o nome que lhes dam) guardam os animaes, levam a pastar os gansos e os perús, e não recolhem senão de noite, estafados e muitas vezes ensoçados em chuva á casa do pai adoptivo que os sustenta tam mal e trata tam pouco paternalmente. Elles crescem assim ao abandono na ignorancia, sem affeição, como os pagãos, sem instrucção, como os selvagens, desgraçadas vergontees do vício, que ham de ser mais tarde os inimigos da sociedade. E muitas vezes, quando os encontrava, vendo-lhes as frentes macilentas com o sello da miseria e do soffrimento, pensava nos generosos fundadores dos hospicios em Paris, e perguntava a mim mesmo se teria sido para chegar a semelhantes resultados que elles tiveram a ideia de depór tantos thesouros na mão da caridade. A caridade recebeu com effeito, mas as revoluções tem administrado...

Um dia que eu passeava ao longo dum prado, senti zimir-me junto aos ouvidos uma pedra, atirada com toda a força e que foi cair numa moita de carvalhinhos. Entre assustada e zangada, voltei-me e vi um rapazito que me mirava com um olhar hostil e perturbado. Lá estava o David, cuja pedra por pouco me não feriu; segurava na blusa arregaçada uma porção de pedras e quando fixei os olhos nelle, deu uma reviravolta para fugir. Corri logo atrás delle, (que eu nesse tempo tinha o pé mais leve).

—Olha, meu amiginho, então por que é que me atiras pedras?

Eu tinha-o apanhado e segurava-o pelo braço: elle sacudiu-se, fez cair as pedras e respondeu-me:

—Vocemecê vai dizer tudo ao Nicolau grande!...

—Não: prometto-te que não digo nada ao Nicolau grande.

—Verdade?

—Verdade.

—Está bem, porque senão elle batiame com toda a certeza.

—Pois eu não te bato, nem deixarei que te batam e até te vou dar dois tostões para que nunca mais faças outra...

Nunca vi expressão de maior pasmo, espanto e alegria, que a do pequeno á vista da moeda de dois tostões quando a teve na palma da mão magra e callejada.

—E' para mim?

—Sim, para ti: que vais fazer desse dinheiro?

Elle reflectiu, e emquanto repassava no espirito o que poderia comprar com dois tostões, tive tempo de reparar nelle: não era formoso; feições grosseiras e duras, pelle bronzeadada pelo sol, cabellos incultos, olhos negros e de má catadura, physionomia inquieta, um como composto de ferocidade e soffrimento que dava pena. Evidentemente aquella pobre creatura nunca recebera cuidados, nem caricias: crescera como os lobos nos bosques a procurar o sustento e a tratar como inimigos a todos que ia encontrando pelo caminho.

—Então? disse-lhe eu finalmente.

—Hei de guardar o dinheiro, disse elle, e quando tiver muita fome comprarei pão.

—Onde moras?

—Eu já lho disse, em casa do Nicolau grande.

—E que fazes tu?

—Bem o vê, guardo os gansos; olhe, lá estão elles em baixo.

—Tu és um enjeitado?

—Sou.

—Como te chamas?

—Brás Alegre.

Estê nome singular fez-me rir, mas o pequeno não deu por isso: elle olhava para os gansos que se tinham tremalhado num campo vizinho. Eu conti-

nueti o meu caminho, pensando naquella creatura, que tanto me despertava a attenção, e no dia seguinte voltei ao prado onde Brás guardava o seu rebanho de aves. Elle viu-me muito bem, mas ficou immovel, os olhos baixos e o ar mais feroz ainda que de costume. Sai-lhe ao encontro e dei-lhe «bons dias» e umas pèras que tinha trazido para elle. Esta amabilidade sensibilizou-o sem dúvida, porque me agradeceu, e pusemo-nos a conversar. A pobre creança, já se vê, não podia fallar de grandes coisas: o gado, o pai adoptivo, que não era terno, que lhe batia muito e dava pouco de comer, o desejo de crescer para ganhar dinheiro e sair da servidão, o desejo ainda maior de ter um par de sapatos novos, porque os tamancos não prestam quando se lavra a terra, taes eram os assumptos de sua conversa: mas quando eu lhe ganhei mais a confiança, perguntei-lhe se sabia rezar. Nem uma palavra, não sabia sequer o que isso era.

—Queres que te ensine?

—Se é bom, quero.

(Continúa).

## HYMNO DO TRABALHO

Quando a morte, no inferno nascida, Pelo crime no mundo reinou, Como fonte a mais pura da vida, Deus á terra o trabalho mandou.

Côro

Traballar, que o trabalho fecundo E' de Deus a vontade, é a lei; Só por elle é que o homem no mundo, Deste mundo deverás ser rei.

Quem no mundo é mais nobre que o forte, Que a consorte que os filhos mantém; Que lhes lega nas horas da morte A virtude por unico bem?

Traballar, etc.

Busquem outros a glória na guerra, Ao medonho troar do canhão; O trabalho de glória enche a terra Sem verter nobre sangue no chão.

Traballar, etc.

Eguae todos os homens no mundo, Eguae todos aos olhos de Deus, Só por ti, ó trabalho fecundo, Se differçam na terra, nos ceus.

Traballar, etc.

Neste mundo o trabalho dá vida, Dá riqueza, dá gloria, valor; Só por elle a missão é cumprida, A vontade dum Deus Creador.

Traballar, etc.

O viver no trabalho se encerra, Quer na terra, no mar ou nos ceus, Desde o verme que vive na terra, Té aos homens, imagens de Deus.

Traballar, etc.

Traballar é viver: trabalhando Vam as terras, os astros, o mar; Quer nos dias que o sol vai dourando, Quer nas trevas ou luz do luar.

Traballar, etc.

Esse sol que de luz nos inunda, Gera as nuvens nos plainos do mar; E depois nossos campos fecunda, Vindo a terra com ellas regar.

Traballar, etc.

Essa terra de plantas se adorna, De mil fructos que juncam o chão. Em riqueza o trabalho se torna, O trabalho converte-se em pão.

Traballar, etc.

Té o insecto que zumba nas relvas, Ao trabalho nos vem convidar; Pelos montes, os prados, as selvas, Vai o mel, vai a cêra juntar.

Traballar, etc.

A's entranchas do mar tenebrosas, Lá tambem o trabalho chegou; Cria a per'la entre conchas limosas, O coral entre areias gerou.

Traballar, etc.

Manifesto o trabalho se ostenta Ou se esconde num mystico véu, Desde a terra que a todos sustenta, Té aos astros perdidos no ceu.

Traballar, etc.

Henrique O'Neill.

«Mais vale a prudencia do que a fortuna».

# Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificio" e redactor da "Revista Catholica."

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

São bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não se nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfazião completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douda obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sómente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labirinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação faríamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

## Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

## O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

## Nova Agencia

DE

## Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECCÃO

DE

GERMÃO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portu-guezas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

**E**STA interessante publicação que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este conceito.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações esparcadas.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

**MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ**

Por José Candido Gomes

**As Terras de Valdovés**

Condições de publicação.—Todos os cavalleiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fora d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 reis.

Recebeu-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 reis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

**Pedro Scavini**

**THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL**

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisada e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 28000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida Grito-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

**HISTORIA UNIVERSAL**

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 10500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

# OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 reis.

## Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVATIVOS.

## DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional."

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.